



FILE ALAGOANO: MARCA INDUMENTÁRIA DO ESTADO DE ALAGOAS OU UM PRODUTO MIDIÁTICO?

Carlos Alberto Cavalcanti de GUSMÃO¹
Daniel Gonçalves Lima Borges da SILVA²
Igor Raphael Gouveia de QUEIROZ³
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Esse artigo tem a finalidade de apresentar a caracterização e história do filé alagoano como vestuário, criando uma discussão acerca de seu uso e fazendo um paralelo com o papel que a mídia exerce sobre a renda. Além disso, através de pesquisas bibliográficas e entrevistas com consumidores alagoanos, turistas e rendeiras, o estudo buscou a principal problematização do uso ou não uso do filé enquanto marca indumentária do estado de Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura; filé; folkcomunicação.

Abstract

This article aims to present the characterization and history of file of Alagoas as clothing, creating a discussion about their use and making a parallel with the role that the media has on income. In addition, through literature searches and interviews with consumers of Alagoas, tourists and tenants, the study sought to main questioning the use or non-use of the fillet while clothing brand in the state of Alagoas.

KEY-WORDS: filé; folk communication; communication, culture.

O estado de Alagoas, como os outros estados do nordeste brasileiro, é sempre associado com as belezas naturais e o clima tropical. Esta imagem é reforçada pela mídia através de campanhas, coberturas jornalistas e imagens. No entanto, não é apenas o “sol e mar” que a localidade é composta. A cultura alagoana é uma das mais diversificadas e possui tradições séculares. O que se observa é que essa grande visualização do estado associado ao turismo, moldou os outros elementos representativos da cultura do povo alagoano, que, para não serem esquecidos, foram se adaptando. O filé é um deles. A renda se reconfigurou esteticamente para poder “concorrer” por um espaço na mídia local. Este processo passa pela percepção da existência da renda pela mídia e sua publicitação para a sociedade de

¹ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFAL, email: carlosdegusmao@terra.com.br.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UFAL, email: dan_nielgoncalves@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UFAL, email: igorrphaelg@hotmail.com



forma mais ampla. Com esse fenômeno de reconstrução, ocorrido principalmente nos últimos anos, o filé alagoano foi transformado em um produto turístico, ganhando mais reconhecimento e divulgação. Entretanto, a questão identitária ainda é pautada, já que o alagoano, apesar de reconhecer a renda, ainda não possui um elo de identidade formado com o filé.

Para entender melhor e embasar o estudo usaremos como referência os elementos e conceitos da Folkcomunicação idealizada por Luiz Beltrão, um dos pioneiros no estudo da relação entre cultura e comunicação, que, de acordo com os seus estudos, se constitui como uma disciplina científica dedicada ao estudo dos agentes e dos meios populares de informação como propagador de expressões de ideias e fatos.

Com o pressuposto de investigar os processos comunicacionais presentes em todas as formas de expressão popular, a teoria também é utilizada para entender a forma com que os meios de comunicação representam e expõem essas manifestações. Essa corrente de estudo é chamada de Folkmídia.

A folkmídia, se propõe a investigar a presença de elementos da cultura popular na mídia de massa e analisar a maneira com que eles são utilizados (LUYTEN, 2002). Além disso, ela observa como as emissoras de massa mediam, utilizam, interpretam e reinterpretam os elementos da cultura popular na “emissão” de conteúdo para respectivos públicos de interesse (LUCEMA, 2007).

É dessa forma que buscamos analisar e obter dados significativos acerca da problematização indumentária do uso do filé alagoano e sua relação com a mídia local. Porém, antes de abordarmos diretamente, cremos ser necessária uma breve explanação sobre a históriografia e geografia da renda e de sua importância em terras alagoanas.

Contextualização histórica

De procedência Árabe, a renda, se tornou símbolo de luxo nas cortes europeias, sobretudo à francesa, durante o reinado de Luiz XIV. Porém, foi durante as Cruzadas que os europeus conheceram os bordados e as rendas feitas pelas mulheres árabes. Exportadas para Portugal, a renda passou a ser feita principalmente para enfeitar os paramentos, a vestimenta dos oficiais e os altares da Igreja Católica.

A chegada da renda no Brasil deve-se a rainha D. Maria I, que em novembro de 1807 fugiu junto com a corte lusitana para o país. No entanto, a realeza não poderia imaginar que estava trazendo consigo na bagagem um trabalho de artesanato manual que posteriormente seria incrustado no nordeste brasileiro, mas especificamente na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, às margens da Lagoa Mundaú.

O artesanato, que fora denominado filé, consiste em um bordado sobre uma rede semelhante as usadas pelos pescadores da localidade. A técnica foi introduzida pelas mulheres portuguesas, que até hoje cultivam a tradição, apesar de ser bem reduzida, em suas terras.

Até meados da década de 1990, a renda seguia os mesmos padrões que foram trazidos das terras portuguesas. Entretanto, com o passar do tempo, por conta de vários fatores – principalmente a questão da adaptação como produto midiático -, surgiram novos conceitos, padrões e cores.



Acredita-se que as mulheres dos pescadores, ao consertarem as redes de seus maridos, descobriram que existia ali uma possibilidade de fazer um trabalho artesanal sobre aquela renda. Foi dessa forma que o filé foi ganhando forma. Inicialmente, as peças eram produzidas como forma de “distração”. O processo era feito lentamente e os objetos finalizados eram usados para decoração das próprias artesãs. Mais tarde, com a possibilidade de uma renda extra, muitas peças começaram a ser produzidas para serem comercializadas. Aos poucos, com a divulgação da mídia e, principalmente, da chamada “boca a boca”, novos desenhos e formas foram incrementados.

Contextualização geográfica

A capital do estado de Alagoas, Maceió, localizada no nordeste do país, possui um território de, aproximadamente, 503 km² e uma população de aproximadamente um milhão de habitantes, de acordo com os dados do IBGE (2011). Sua altitude média é de sete metros acima do nível do mar e possui uma temperatura média de 25°C, durante todo o ano. A região é privilegiada com um cenário exótico, constituído pelo Oceano Atlântico, que oferece praias urbanas de tirar o fôlego, e pela imponente e tão importante Lagoa Mundaú, que é responsável pela vida econômica dos povoados ribeirinhos, além de ser polo cultural do estado.

É às margens da bela lagoa que se encontram as filezeiras do Pontal da Barra – bairro bucólico entre o mar e a lagoa, que surgiu de uma aldeia de pescadores. As mulheres procuravam o que fazer enquanto os maridos pescavam e encontraram uma boa fonte de renda: o filé, que, segundo Dantas (2009, p. 139), garante ao estado a posição de maior centro de produção do filé no país, seguido pelo Ceará e por Santa Catarina. A técnica do filé tem sido transmitida de mãe para filha. Sua confecção tem como base uma rede semelhante às redes de pescar, justificando o adágio popular “onde há rede, há renda”.

O Filé

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2010), a cultura de um povo não é apenas constituída de aspectos físicos. Existe muito mais, contido nos costumes, nas línguas, nos saberes, no folclore, nas festas e em diversos outros aspectos e tradições, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados com o passar do tempo. A essa porção intangível da herança cultural das comunidades, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial. Partindo dessa ideia, Barros (2007) afirma que a renda filé alagoana, ao expor traços característicos da informação memorialista – se perpetua e se propaga como identidade cultural de um povo através do tecer e do ensinar a tecer coletivamente – faz parte da cultura e da história do estado.

O artesanato é um costume, uma linguagem de conhecimento. É por ser uma linguagem é que o artesanato consegue se comunicar, pois ao mesmo tempo em que recepta do artesão toda a tradição popular de determinada região, informa ao usuário e ao espectador sua origem.

Como lembra Santaella (2006), sobre a comunicação:

Qualquer processamento de informação por organismos individuais (que não sejam máquinas) constitui uma



instância de comunicação. A cooperação ativa da fonte do sinal no processo não é necessária. A fonte pode ser inclusive um objeto inanimado.

O vestuário que um indivíduo está usando quando vista por outra pessoa provoca um processo de comunicação, mesmo não intencional. A esse processo dar-se o nome de comunicação observacional.

Para Santaella (2006), “na comunicação observacional, um observador percebe e processa sinais de uma fonte inanimada”. Assim sendo, qualquer objeto que promova reações psicológicas ou físicas em quem está observando causa a comunicação. O vestuário artesanal comunica por ser um objeto inanimado com alta carga cultural de interação direta com o usuário e o observador, além de ser a união de duas artes aplicadas.

Para entender melhor a linguagem da renda filé, como objeto de estudo de vestuário e de comunicação tanto nos consumidores quanto nas rendeiras, foram realizadas pesquisas para constatar que os consumidores são, em sua maioria, turistas que procuram a renda devido às propagandas veiculadas na tv e internet ou pelo conhecimento adquirido ao chegar à região costeira da capital alagoana. Além disso, a maioria não conhece a origem da renda filé, mas sabe que a arte também é feita em Marechal Deodoro, primeira capital do estado. No entanto, afirmaram nunca ter ido à região para fazer compras da renda.

Grande parte das filezeiras aprendeu a produzir o filé com a mãe, que aprendeu com a avó, e que hoje ensinam suas filhas e netas, seja para aumentar a renda familiar ou apenas por lazer. Esse dado é um reflexo da cultura local estabelecida na região que, apesar do mundo globalizado em que vivemos, parece sobreviver mesmo com todas as dificuldades encontradas pelas rendeiras.

Atualmente, a renda faz parte da composição da identidade cultural e artística do estado e mesmo com as mudanças que a arte vem sofrendo, é por meio do tecer e do ensinar a tecer que as rendeiras propagam uma tradição extremamente importante para a preservação da história cultural de Alagoas. Esse fato é muito importante para a manutenção dessa memória, pois, como afirma Oliveira (2005) em seus estudos relacionados à Comunicação Científica:

Ao transmitir seu ofício por meio dos fios da própria narrativa, essas educadoras das memórias não formadas nas escolas formais, mas sim no próprio espaço familiar a partir da tradição, tecem suas experiências e compartilham com outras gerações. Ao estudar esses mecanismos de rememoração, percebe-se a memória como produção de conhecimento em que sensibilidades, saberes e identidades se relacionam.

Com os relatos acima é possível notar que, apesar dessa tradição, há uma disputa pelo domínio do saber. Percebe-se também que a memória como produção de conhecimento, já que os saberes e identidades acabam de relacionando. Dessa forma, os hábitos



produzidos socialmente são vistos pelo próprio fornecedor de conhecimento, ou seja, o artesão.

Nesse contexto, é possível notar que o entrelaçamento entre memória, cultura popular e educação. De acordo com Kramer (1993), “falar em educação é necessariamente tratar de ciência e de cultura”.

Sobre as técnicas, materiais e significados dados pelas artesãs ao rendado, pode-se fazer uma reflexão acerca da compreensão de como se dá todo o processo de construção simbólica do mundo e do universo de que vivem. É através dessa relação que é possível analisar todos os aspectos simbólicos envolvidos na construção das tessituras, o que possibilita a análise da significação que esse trabalho tem para o grupo.

Sendo assim, pode-se afirmar que a técnica utilizada para a produção da renda remete a um conjunto de significados criados no tecer, tingir e no urdir (Bittencourt, 1995). Dessa forma, o artesanato do filé pode ser entendido como um processo de simbolização que possui um universo cultural próprio uma vez que os próprios habitantes da região (as filezeiras) participam e compõem uma agregação de relações sociais.

Considerações Finais

Em suma, é possível afirmar que o vestuário de filé, sendo visto como uma manifestação cultural e de comunicação, prevê uma maior potencialidade do artesanato da região. Ao ser transformado em bem de consumo rentável para Alagoas, por alagoanos, a renda é modificada e moldada de acordo com a necessidade mercadológica e midiática. Por isso, ao criar essa mudança de hábito de consumo, o artesanato passa por uma reconstrução indumentária e cultural.

Desta maneira, a ampliação da inovação nas cores ou nas novas combinações que o “novo filé-multicolorido” apresenta, fica claro que a mídia influencia e molda o conceito que o filé possui no Estado, sendo assim disseminado em outras localidades, traduzindo assim, uma ligação do povo alagoano para com a renda.

Por meio da feitura desse artefato, fica clara a importância que a tradição representa para esse grupo, pois, apesar da modernização dos processos de construção artesanal, a permanência do trabalho manual realizado pelas artesãs mostra como a memória é forte e como ela pode ser transmitida de uma geração para outra com alto grau de identificação.

Referências bibliográficas

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. ed Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e técnica: arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DANTAS, C. L. **Fazer popular**. Mestres Artesãos das Alagoas. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.



IBGE. **Infográficos: dados gerais do município**. 2010. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=270430> . Acesso em: 30 mar.
2014.

HALBWACHS , Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MELO, José Marques. “Introdução à Folkcomunicação: Gênese, paradigmas e tendências” In. BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo/SP: UESP, 2004

SENAC. **Fios e fibras**. ed. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2002.